

# Um desenho por dia - estética, educação e política

Fernando Augusto dos Santos Neto

Os estudos dos processos de criação são um espaço e uma oportunidade para o artista refletir, no plano verbal, sobre seu processo criativo e, estabelecer um vínculo ou um diálogo com os pressupostos acadêmicos, os quais buscam sistematizar, coletivizar e teorizar sobre os processos de conhecimento que se dão no exercício criativo. Ambas as vias, o estudo sistematizado e a reflexão artística, buscam discutir e tornar mais claro e mais compreensível a dinâmica desse fenômeno na esfera do pensamento intelectual.

Muitos artistas já escreveram, de muitas maneiras, sobre suas realizações artísticas. Van Gogh, na forma de cartas; Leonardo da Vinci, na forma de estudo, esboços, cartas e tratados; Klee, em diários e também textos críticos para jornal; Kandinsky, em muitos ensaios e cartas que resultaram em livros; Malévitch, textos críticos e manifestos artísticos; Joseph Beuys, em conferências, manifestos e atitudes artístico-políticas; Delacroix, com reflexões críticas e diários, Cézanne em cartas meio desajeitadas; Matisse em textos e comentários para jornal. Muitos outros: Gauguin, Mondrian, Max Bill, Torres Garcia, Smithson, James Turrell, Gerhard Richter, Duchamp, Kosuth e essa litania não terminaria aqui se não fosse o limite do tempo, isso sem falar nas outras áreas, fotografia, teatro, cinema, música, literatura. Cabe ainda citar Allan Poe com seu magnífico texto “Filosofia da Composição”, Hélio e Oiticica e

Ligia Clark, com seus textos manifestos e as cartas que trocaram entre si, e mais recentemente, aqui em Vitória, Jose Rufino com seu depoimento no II Seminário da Vale do Rio Doce.

É neste contexto que me predisponho a falar do projeto “Um desenho por dia – 200 linhas”, que venho desenvolvendo há quase um ano. Mas, para fazê-lo, vou situar um pouco minha inquietação artística localizada no início de minha formação. Não vou falar das várias etapas, mas sim daquele início de aprendizado, localizando nele as perguntas e as propostas de hoje.

À parte aquele impulso natural que nos leva à arte, isto é, a manifestação do desenho infantil em paredes, no chão, nos cadernos da escola primária, venho de uma forma de formação acadêmica, pautada pela atenção ao desenho, na observação à técnica gráfica e pictórica, realizada na escola de Belas Artes da UFMG.

Minha visão de arte de então era figurativa, realista e o meu interesse existencial era lutar por um mundo melhor e mais justo e, quem encarnava essa luta em minha cidade natal, interior da Bahia, era a Igreja com os ideais de solidariedade, irmandade, amor e salvação, por isso aderi aos movimentos de comunidade de base, mas aos poucos se estabeleceu um conflito de fé; comecei a duvidar da existência de um ser externo que tudo organiza, tudo envolve, um ser onisciente de tudo que acontece ou que vai

acontecer. Ora, se Ele tudo sabe do certo e do errado, se tudo é sua vontade, nele estão o certo e o errado, logo não haveria lugar para o pecado, não haveria nada que não fosse Sua vontade e o que haveria então seria a construção da vida feita de todas as coisas, de todas as tensões, haveria a construção do humano e a tentativa de entendimento do humano que não pode pensar a si mesmo sem a hipótese de transcendência. Segue-se então minha atitude agnóstica. Estava dando os primeiros passos para buscar em outras plagas respostas para os quatro grandes campos considerados por Luc Ferry, (2006:270)<sup>1</sup> “nos quais sobressaem os valores fundamentais da existência humana: verdade, beleza, justiça e amor”, mas fora da igreja, onde colocar e como organizar o ímpeto de participar, de trabalhar por um ideal de bem, de justiça de aperfeiçoamento do ser? O que a arte poderia trazer que a própria vida não trazia? Artista? Que profissão era essa que não se desenha como um cargo a ser ocupado, mas um espaço de profissão, um ato de proferir seu credo, sua fé, seja desenhando, pintando, lecionando, ou qualquer outra coisa que vier a fazer. Amílcar de Castro dizia:

Eu tenho fé é na arte. Isso eu tenho demais. Fé! E acho que sem ela não teria como fazer nada. O sujeito pode ser o que ele quiser, pintor, escultor, poeta, músico, mas se ele não tiver fé, no sentido de creditar naquilo que ele está fazendo como se acredita em Deus, acreditar ferozmente, ele não faz nada, nem chega a lugar nenhum. Ele tem que ter fé e vencer tudo o que está à frente. Sem isso não vai. Por isso a gente pode ver alguns alunos na escola: Três têm fé, trezentos não têm! Isso é duro. (...) e ela não é pose, ela é de estado de ser. Ela é de fundamento.<sup>2</sup>

Nesses anos todos, tenho adquirido a convicção de que para todo indivíduo, inclusive para os que

não têm a arte como uma vocação, é valioso fazer e ver arte nem que seja por dois bons motivos, primeiro, porque sem ela como viver humanamente? O que é viver, sem música, sem dança, sem poesia? Segundo, com ele aprendemos a morrer. Ela nos dá a dimensão de algo cuja palavra está fora de moda no circuito das artes, mas que nunca nos deixa, a beleza, a beleza do risco, beleza da aventura, da descoberta, do admirável, presente em toda busca humana e até mesmo na contradição. Ela nos dá o suporte para trabalharmos a falta, a finitude e constitui-se, assim, como possibilidade de salvação, como nos ensina Luc Ferry em seu magnífico livro “Aprender a viver”. Neste contexto, como dizem, cada um a seu modo, não se faz arte por divertimento, nem mesmo para compreender o mundo e a si mesmo, mas, à vezes, para “salvar a própria pele”, como diz meu amigo, o professor Lincoln, o importante é não enlouquecer.

Há na arte elementos para vencermos os medos que paralisam a vida e até mesmo doenças que nos acometem devido ao trabalho e a busca desenfreadas de tantas coisas, a arte é possibilidade de medicina e é, talvez, um erro acreditar que a psicologia poderia, nos dias de hoje, ser mais eficaz.

Das experiências de vida a que mais me marcou foi a sensação de inadequação, em quase todos os lugares. Mas, é preciso ver que esse sentimento tem muitos nomes, às vezes, solidão, indeterminação, ansiedade, competição, poder, ser amado, admirado, etc. Tudo isso só aponta uma coisa, que certo ou desajeitadamente chamamos de sentido ou de felicidade, o desejo de estar bem e de ter “uma vida boa”, lembra Luc Ferry<sup>3</sup>. Foi assim que, em meados de 2000 me aproximei da filosofia zen budista e comecei a praticar, ainda que irregularmente, a meditação

zen. Ficar sentando, em posição de lótus, meia hora, uma hora de frente para a parede, parado, sem nada falar, sem movimentar nenhum membro corpo mesmo que fosse para engolir a saliva, ficar diante da possibilidade do branco. O vazio, o muro, o grande espanto. Deixar que os pensamentos passem em sua mente, sem saber de onde vieram, e tantas vezes pensamentos que aparecem à sua revelia. Aprendi que meditar não é esvaziar a mente, mas deixar os pensamentos passarem, conscientemente. Eles vêm e vão. Meditar é ação na não ação, daí o treinamento de prestar atenção na respiração. Receber o ar que a cada segundo enche o nosso coração, oxigena nosso sangue, impulsiona nosso corpo, algo tão simples, mas despercebido. O que acontece quando o ar entra pelas nossas narinas, passa pelas nossas vias respiratórias e chega ao nosso sangue? Uma cadeia imensa de transformações físicas que não sabemos traduzir no simbólico, se realizam em nosso corpo no simples ato de respirar. Meditando aprendemos a receber esse ar com prazer, como quem recebe a todo minuto uma parte do universo, meditando podemos ver beleza no respirar, e, digo até que se não vemos beleza no ato de respirar, concorremos em não ver arte em nenhum lugar. É o que sinto quando leio Fernando Pessoa “Não sou nada, não posso querer ser nada, nunca serei nada, mas à parte isso trago em mim todos os sonhos do universo”<sup>4</sup>.

É nesta via que tenho procurei fazer desenho e foi acreditando nessa possibilidade que concebi o projeto “Um desenho por dia”. Nele, não tenho um tema favorito, mas um norte, como escreve o autor austríaco Peter Handke<sup>5</sup>, ao definir sua literatura:

Quero ver claro, mais claro em mim mesmo, aprender a me conhecer ou a não me conhecer, aprender o que faço sem me dar conta, o que penso sem me dar conta (...) o que os outros fazem sem refletir: chegar a ser atento e provocar atenção, provocar sensibilidade e chegar a ser mais sensível, mais receptivo, mais preciso, para que eu e os outros possamos também existir de maneira mais precisa e sensível, para que eu possa me entender melhor com os outros e ter melhores relações com eles.

Depois de tantas pinturas barulhentas e milhares de desenhos, vejo sentido nas linhas horizontais, silenciosas, desenhadas todos os dias, durante cerca de meia hora. É um desenho tempo. Então leio essas palavras de Handke com o sentimento de compreendê-las e de estar fazendo ou buscando, exatamente o que ele descreve, afinação do ser, ou, na senda de Rousseau, um aperfeiçoamento humano. Sei que as discussões do meio artístico têm se pautado mais com a forma e com o próprio meio artístico, de modo que, insistir nessa construção me leva talvez para fora do circuito artístico, seja a educação, a medicina e a política. Esses são lugares que uma prática assim pode chegar e, no entanto, acredito ser plenamente estética.

Para concluir passo à leitura do texto-manifesto que explica o projeto, e acompanha as cópias de desenhos que são enviadas à pessoas.

#### Um desenho por dia

Começo o dia desenhando linhas, cerca de 200 linhas, horizontais à bico de pena sobre papel, dimensões 21 x 30 cm, durante meia hora a quarenta minutos.

Esta é a forma que encontrei para começar, cada manhã, as horas do dia, onde quer que eu esteja.

Trata-se de um projeto artístico, mas também de uma atitude de vida:

a convivência comigo mesmo e a administração do meu tempo.

O ato paciente e silencioso de desenhar, todos os dias estas linhas, é uma forma de meditação e tem como propósito trabalhar os seis princípios búdicos: generosidade, paciência, disciplina, esforço entusiástico, concentração e sabedoria.

Venho exercitando esta prática à cerca de três anos como uma tentativa de desapego, de mudança de hábito, de enfrentamento da violência da vida e de pensamento educativo e estético.

Acredito que o gesto simples de desenhar conscientemente uma linha (ou qualquer outra forma), cada dia, de esperar, de exercitar a paciência, a disciplina, a concentração faz sentido e pode mudar alguém; pode contribuir para a humanização do indivíduo, pode ser uma ação provocadora, transformadora, estética e política. A vivência do tempo é o grande desafio, o desenho, é um caminho.

O propósito final é um desejo antigo, uma palavra gasta, mas que sempre nos acompanha: a felicidade.

Atualmente, com mais de mil desenhos realizados neste percurso, veio-me a idéia de mostrá-los em exposições, de realizar bate-papos e também de expandir o projeto a fim de sair do isolamento com que vinha sendo feito; de partilhar com o público esta vivência e convidá-lo ao encontro e ao exercício diário da tolerância, da disciplina, do silêncio, enfim, da atitude de admirar as coisas simples da vida, a luz, a cor, o cotidiano, algumas linhas...

A partir do dia 07 de setembro de 2006, decidi dedicar, cada sessão-desenho a uma pessoa, escrevendo seu nome embaixo enviando-lhe uma fotocópia do mesmo. Por isso você está recebendo esta correspondência. Trago-lhe, assim, neste desenho, um pouco do meu tempo e da minha busca, espero que aceite. A simples atitude de ler esta mensagem, de parar alguns minutos diante deste desenho já o(a) faz participante do projeto. Se possível, confirme o recebimento. Obrigado!

## Notas

Fernando Augusto dos Santos Neto é artista plástico e professor adjunto da cadeira de Desenho Artístico do Curso de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.

## Referências

- <sup>1</sup>Luc Ferry, *Aprender a viver*, São Paulo, Objetiva, 2004  
<sup>2</sup>Amílcar de Castro, in Fernando Augusto dos Santos Neto, *Do desenho à Fotografia*, tese de doutorado, defendida na PUC/SP, 2001: 11  
<sup>3</sup>Luc Ferry, *Aprender a viver*, São Paulo, Objetiva, 2004  
<sup>4</sup>Fernando Pessoa, *Poesia de Álvaro Campos*, Atabacaria, FTD, São Paulo, 1992, 213  
<sup>5</sup>Peter Handke, in Jorge Larossa, *Pedagogia Profana*, Belo Horizonte, MG, 2004, 127